



# DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

---

**Título** Déficit Psicanalítico na Teoria Crítica Feminista

**Autor(a)** Inara Marin

**Tradutor(a)** -

**Fonte** Número Especial: Amy Allen (*Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 2, número especial, junho de 2018)

## Como citar este artigo:

Marin, Inara. “Déficit Psicanalítico na Teoria Crítica Feminista”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 2, n. especial, p. 90-111, junho de 2018.

Publicado pela primeira vez em Junho de 2018 e atualizado em Abril de 2019 para a correção de erros de diagramação

# DÉFICIT PSICANALÍTICO NA TEORIA CRÍTICA FEMINISTA

*Inara Marin*

**Resumo:** O objetivo deste texto é apontar um déficit psicanalítico na teoria crítica feminista e oferecer uma alternativa a esse déficit com um retorno à teoria lacaniana. A partir das noções lacanianas de identificação simbólica e imaginária e dos conceitos de "ideal do eu" e "eu ideal", apresento elementos da psicanálise que auxiliam a teoria crítica feminista a solucionar esse déficit. Tais elementos destacam sua relevância, principalmente, por posicionar a psicanálise enquanto ferramenta capaz de contribuir para diagnósticos de tempo, limitar as utopias e apresentar formas de subordinação não patológicas.

**Palavras-chave:** Déficit psicanalítico; Teoria Crítica feminista; Lacan; identificação simbólica

# A PSYCHOANALYTIC DEFICIT IN FEMINIST CRITICAL THEORY

*Inara Marin*

**Abstract:** The aim of this paper is twofold. First, to highlight a psychoanalytic deficit in feminist critical theory. Second, to provide an alternative path to overcome this deficit by drawing upon on Lacanian theory. Focusing on notions such as symbolic and imaginary identification as well as on the concepts of "ideal ego" (*moi idéal*) and "ego ideal" (*idéal du moi*), I present the conceptual tools that may help feminist critical theory to solve this deficit. Such tools prove to be relevant mainly because they show how psychoanalysis can contribute to a time-diagnosis and to thematize self-limiting utopias as well as non-pathological forms of subordination.

**Keywords:** psychoanalytic deficit; feminist critical theory; symbolic identification

92 | Este título tem duas questões subjacentes<sup>1</sup>: como devemos entender o termo déficit? E quem são as teóricas críticas feministas? Não terei tempo de discutir a segunda questão aqui, já que este é um tópico muito amplo. Cabe mencionar que este déficit se aplica principalmente aos trabalhos de duas das mais conhecidas representantes da terceira geração da teoria crítica, Seyla Benhabib e Nancy Fraser, uma vez que a discussão das gerações subsequentes se apoia em debates e problemas iniciados por estas teóricas<sup>2</sup>. Se formos falar de um déficit psicanalítico na teoria crítica feminista pode-se assumir que ele deriva da ausência da psicanálise nos primeiros trabalhos dessas autoras, especialmente se considerarmos a influência foucaultiana no pensamento de Fraser e a de Habermas no pensamento de Benhabib.

Eu diria então que, sim, há de fato um déficit psicanalítico na teoria crítica feminista, se entendermos déficit não no sentido de que a psicanálise está completamente ausente da teoria crítica feminista, mas como algo que ainda não se desenvolveu plenamente. Onde então se evidencia o déficit

<sup>1</sup> O presente texto corresponde à fala proferida no Colóquio “*Autonomy, Power and Gender*”, no CEBRAP em 17 de março de 2017.

<sup>2</sup> Para quem se interessar em saber quem são as teóricas e teóricos críticos e como situá-los em gerações ver o prefácio de Allen (2016: xi-xviii).

psicanalítico da teoria crítica feminista? A meu ver, ele se configura na questão da subjetivação da dominação. Tendo isso em vista, a principal questão deste texto é com a formação do sujeito. Este é um dos principais problemas que a teoria crítica feminista tem enfrentado, o qual pode ser elaborado da seguinte forma: por que não abandonamos as formas de subordinação que nos dominam e nos ferem? No que se segue, pretendo apontar que podemos mobilizar o quadro conceitual da psicanálise lacaniana para pensar uma forma de nos livrarmos da dominação. | 93

Há dois momentos teóricos importantes quando falamos da teoria crítica em geral e da teoria feminista em particular: o primeiro é o *diagnóstico*, que, em relação ao processo de formação do sujeito, implica encontrar as condições de subordinação; o segundo, é a orientação para a emancipação, isto é, pensar em como superar as atuais relações de dominação. A princípio considero que – e aqui já se trata de um dos lados do déficit – o processo de formação do sujeito tal como pensado pela terceira geração das teóricas críticas feministas foi enquadrado a partir de conceitos foucaultianos, os quais são muito hostis à psicanálise. Ainda que Foucault tenha travado um diálogo bastante próximo com essa disciplina, compartilhando seus problemas inclusive, ele trabalhou as

94 | dimensões éticas, estéticas e políticas da subjetividade de outra forma que não aquela da psicanálise (BIRMAN 2007: 52). O outro lado do déficit reside naquilo que passou a se chamar de “French feminism” nos Estados Unidos. Cabe notar que a recepção da psicanálise lacaniana nos Estados Unidos se deu por meio do “French feminism”, porém não deixa de haver uma grande discussão na própria França a respeito do que seja este “French feminism”. Como diz Christine Delphy em “A Invenção do French Feminism”:

as teses do “French Feminism”, e o próprio “French Feminism”, não podem ser encontradas no conjunto de trabalhos a que seus agentes se referem, mas sim nos trabalhos destes próprios agentes. Em outras palavras, quero dizer que o “French Feminism” não é somente — ou principalmente — uma construção anglo-americana na medida em que ele seleciona, distorce e descontextualiza escritos franceses. Isso implicaria em ter de encontrar o que é esse “ele”, o que nos faria adentrar em ainda mais comentários, distorções e seleções; em suma, teríamos que jogar seu jogo e correr atrás de nosso próprio rabo até o dia do juízo final. O que eu quero dizer, na verdade, é que ele é literalmente uma invenção americana: escritos americanos “sobre” ele são ele (DELPHY 2000: 194).

Claire Moses apresenta um argumento similar:

Deve-se reconhecer que esta versão que os americanos chamam de “French feminism” nos diz mais sobre os

Estados Unidos do que sobre a própria França [...]. É nas lutas por poder dentro do feminismo acadêmico americano que se deve buscar por possíveis explicações (MOSES 1996: 10).

Gostaria de dizer que não vou tomar partido nessa discussão. O que eu quero é deixar claro que esta leitura americano-francesa de Lacan não é a minha. Pretendo abordar os conceitos de identificação, eu-ideal [ideal du moi] e ideal do eu [moi ideal] e me apoiarei nessas categorias lacanianas com meu olhar voltado para uma teoria da socialização. Em contraposição a uma vertente linguística lacaniana, defenderei uma teoria da socialização na qual o discurso encontrado pelos recém-nascidos, que antecede a existência da criança, é, na verdade, um discurso concreto, situado tanto historicamente quanto no interior da família, e não um discurso abstrato e universal.

A estrutura de meu argumento será a seguinte: começo traçando os contornos do conceito lacaniano de identificação – que inclui elementos como desconhecimento e a questão do eu-ideal e ideal do eu – a fim de apresentar um processo de formação do sujeito que pode ser identificado como uma perspectiva sociológica das ideias de Lacan <sup>3</sup>. Em seguida,

<sup>3</sup> Isto quer dizer que não irei tomar as preocupações ontológicas tradicionais inspiradas por Heidegger. Aqui o viés ontológico foi substituído pelo

96 | procurarei mostrar como os conceitos de Lacan discutidos aqui podem servir como uma base alternativa para a teoria crítica feminista.

\*\*\*

Parece-me que até agora a teoria crítica feminista não foi capaz de responder à seguinte questão: por que nos prendemos a algo que nos domina? Existem muitos instrumentos fornecidos pelo quadro conceitual lacaniano que nos ajudam a abordar esta questão. Dentre elaborações feitas por teóricas feministas, pode-se mencionar o tratamento dado por Joan Scott para o conceito de fantasia (SCOTT 1999), a problematização do sintoma e do laço social como discutida por Judith Butler e Monique David-Ménard (2015), ou mesmo o conceito de angústia e a noção de desamparo como desenvolvidos pela filósofa e psicanalista francesa Monique Schneider (2011).

Minha opção será por trabalhar com o conceito de identificação. Sou guiada aqui pela ideia de uma *falta* que estrutura todas as relações humanas e que tem sua origem na dependência primeira da criança humana quanto ao Outro.

sociológico. Devo esta interpretação a Simonelli (2000). Ao destacar o aspecto sociológico e não o ontológico no pensamento de Lacan procurarei tornar central para Lacan o principal tema da teoria crítica, a saber, a emancipação.

Essa dependência é experimentada tanto como muito prazerosa | 97  
(na presença da completude ilusória), mas também como muito frustrante (em sua ausência). As relações sociais dos seres humanos nas sociedades modernas consistem em maneiras de lidar com esta falta e se o sujeito é capaz ou não de aceitar essa falta em si mesmo e no Outro sem ter que negar seja a si mesmo seja ao Outro.

Ao longo de toda a história da teoria crítica feminista, sua relação com a psicanálise foi sempre escrita com ajuda de Jessica Benjamin e sua teoria intersubjetiva que se diz uma teoria das relações de objeto. Esta foi a base da abordagem da psicanálise feita por Seyla Benhabib e Nancy Fraser<sup>4</sup>. Lacan, por sua vez, considera que a teoria das relações de objeto se baseia numa concepção de identificação que é ilusória<sup>5</sup>. Para Lacan, o processo de identificação não é um processo intersubjetivo, ou seja, não acontece entre dois sujeitos vivos e distintos tal como a teoria das relações de objeto concebe.

<sup>4</sup> Ver Benhabib (1999). Outro caso é o de Nancy Fraser, que por partir de Foucault e de uma forte crítica ao “French Feminism”, não se engajou diretamente com a psicanálise. Ainda assim, considero que Fraser é simpática à abordagem de Jessica Benjamin.

<sup>5</sup> Os processos identificatórios na obra de Lacan são três, a saber, o imaginário, o simbólico e o com a fantasia. Entretanto, neste artigo, serão abordados apenas os processos identificatórios imaginário e simbólico. É possível fazer a economia desse terceiro processo sem que meu argumento seja invalidado.

98 | Antes, é o processo identificatório que cria uma nova instância psíquica, ou um novo sujeito. Este sujeito é único, mas descentrado<sup>6</sup>. Na verdade, esta é a lição que Lacan aprendeu de Freud, que é apresentada em termos de uma ruptura quando Lacan substitui a máxima filosófica de Descartes, *cogito ergo sum*, por uma psicanalítica: “eu penso onde não sou, logo sou onde não penso”<sup>7</sup>.

Para Lacan, o processo de identificação simbólica começa antes do sujeito entrar no mundo. O futuro sujeito é falado e desejado, e, portanto, já está subordinado ao desejo do outro antes mesmo de se tornar um sujeito. Entretanto, quando o sujeito vem ao mundo, a primeira forma de identificação será a imaginária<sup>8</sup>, e a instância psíquica produzida aqui é o eu (*moi*). Brevemente, o estágio do espelho provê a experiência da

<sup>6</sup> Utilizo aqui o termo “sujeito” conforme a conceitualização lacaniana. Cabe notar que, de modo geral, as teóricas críticas feministas utilizam intercambiavelmente os conceitos de self, identidade e sujeito — ora parecem falar do ponto de vista psicanalítico, ora do ponto de vista filosófico. Esta confusão conceitual será discutida em um artigo que estou elaborando em conjunto com Ingrid Cyfer, Marcos Nobre e Felipe Golçalves.

<sup>7</sup> “*je pense ou ne je suis pas, donc je suis ou je ne pense pas*” (LACAN 1966: 516-517).

<sup>8</sup> Neste caso é a identificação freudiana que está em questão com a imagem do objeto. Freud diz que esse processo identificatório acontece, por exemplo, na melancolia: “uma criança, infeliz com a perda de seu gato, declarou simplesmente que era o gato, e conseqüentemente passou a andar de quatro, não quis mais sentar-se à mesa para comer etc. Outro exemplo dessa introjeção do objeto nos é dado pela análise da melancolia, afecção que tem,

unificação, isto é, quando a criança antecipa a formação de uma imagem dela mesma no registro imaginário e esta imagem funciona como uma promessa: *a promessa de que ela é uma imagem no espelho*. A imagem, no entanto, requer ratificação, que é alcançada quando o bebê se volta para o adulto e procura confirmação de que a imagem representada no espelho é de fato uma imagem de si mesmo. Isto agora envolve o registro simbólico.

A identificação imaginária é um processo de satisfação intensa que envolve uma grande quantidade de libido. O bebê se vê no espelho e se percebe como uma forma completa. Este é o momento em que o bebê organiza seu sentimento de prazer em uma única imagem e faz a experiência da completude. Este momento da identificação imaginária é aquele em que o bebê se constitui como um eu (*moi*). O que deve ser destacado aqui com a categoria da identificação imaginária é a função de desconhecimento do eu (*moi*). Um desconhecimento que é

entre suas causas mais notáveis, a perda real ou afetiva do objeto amado. Uma característica maior de casos assim está na cruel autodepreciação do Eu, unida a uma implacável autocrítica e amargas recriminações a si próprio. As análises revelaram que essa avaliação e esses reproches se aplicam ao objeto, no fundo, representando a vingança do Eu frente a ele. A sombra do objeto caiu sobre o Eu, afirmei em outro lugar. A introjeção do objeto, aqui, é inconfundivelmente clara. (FREUD 2012: 52). A sombra do objeto com a qual o Eu se identifica é uma imagem, e é por isso que Lacan usa o termo identificação imaginária.

100 | constituído através da agressividade que provém da natureza dual da identificação que constitui este eu (*moi*). No estágio do espelho, a criança encontra um caminho para fora da relação dual com a mãe. É este processo subjetivo que garante para a criança o acesso à dimensão simbólica. Além do mais, através da formação do eu (*moi*) o sujeito entra na dimensão imaginária. Esta subjetivação alienante depende da existência do outro, uma vez que o eu (*moi*) tem o valor de uma representação imaginária somente graças a sua relação com outro, e é por isso que pode-se dizer que ele é um eu-ideal (*moi idéal*).

Para Freud, o Eu tinha uma função positiva como o lugar ativo da razão, da síntese, definido em oposição ao Id como lugar das paixões e do irracional. Já para Lacan, essa função “emancipatória” do Eu é deslocada. Isto não quer dizer que o potencial “emancipatório” esteja perdido, pois para Lacan o ideal-do-eu (*ideal du moi*) torna-se o guardião deste potencial “emancipatório” deslocado.

Agora, para saber no que consiste o ideal-do-eu (*idéal du moi*) temos que olhar para a identificação simbólica, pois este tipo de identificação, na perspectiva sociológica em que leio o texto lacaniano, é outro termo para o ideal-do-eu (*ideal du moi*). Na identificação simbólica, a instância psíquica a ser produzida

é o sujeito do inconsciente. Os elementos desta identificação simbólica são o significante e o sujeito do inconsciente. Para esta categoria, Lacan reformula o *einzigster Zug* [traço único] de Freud como “traço unário”. O que Freud tem a dizer é o seguinte:

Ouvimos que a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto. É digno de nota que nestas identificações o Eu às vezes copia a pessoa não amada, outras vezes a amada. Também nos chama a atenção que nos dois casos a identificação seja parcial, tomando apenas um traço da pessoa-objeto (FREUD 2012: 64)<sup>9</sup>.

A reformulação lacaniana enfatiza que a função da identificação simbólica é principalmente distinguir o sujeito ao invés de unificá-lo. No caso desta identificação simbólica, o

<sup>9</sup> Identificação simbólica é uma categoria equivalente à identificação parcial com um traço do objeto, pensada por Freud, que usa o exemplo de uma tosse para a identificação com o traço. Este exemplo mostra claramente que a identificação é sempre ambivalente, porque ela pode ser a expressão de ternura ou uma forma de desejo hostil. Freud explica que a garota pode desenvolver uma tosse em identificação com sua mãe, mas que isto viria do desejo hostil da garota em tomar o lugar de sua mãe. Neste caso, o sintoma (a tosse) expressaria o objeto de amor que é o pai. Este pode ser o caso de Dora, cuja identificação era com a pessoa amada (neste caso, a tosse do pai)

102 | objeto com o qual a pessoa se identifica é reduzido a um traço, porque ele está sob a intervenção do significante. Dessa maneira, o “traço unário” não apenas dá destaque ao objeto, mas também o apaga. É a repetição de uma diferença que cobre alguma coisa que está faltando, o movimento do desejo de um significante a outro em uma cadeia metonímica. E o nascimento do sujeito do inconsciente, o resultado desse processo identificatório, pode ser aprendido como um traço distintivo que persiste na história do paciente. Mas por conta de a natureza do significante ser a linguagem, e a linguagem tem suas formas metonímicas, nesta medida nos é permitido chamar este “traço unário” de ideal-do-eu (*ideal du moi*).

O próximo ponto a ser considerado é a diferença entre os conceitos de eu-ideal (*moi-idéal*) e ideal-do-eu (*idéal du moi*). As identificações simbólicas e imaginárias, como descritas acima, ocorrem uma vez na vida. Mas elas irão se manter no sujeito como um processo que se desdobra durante toda a vida. A libido presente em cada sujeito e que tomou parte em cada um dos processos de identificação irá se mover para outros objetos ao longo da vida de cada sujeito. Quando a libido se move para uma formação imaginária, toma a forma do eu-ideal. Por exemplo, quando o sujeito se identifica com a figura do líder de uma organização de massa de modo que a libido fica

completamente capturada por este objeto e a identidade do sujeito se mistura completamente com esse objeto. Ademais, quando a libido se move de um significante para outro, esta identificação toma forma de um ideal-do-eu. Nesse caso, o sujeito se identifica com um traço da figura do líder ou de uma organização sem estar completamente dominado por ela. | 103

O ideal-do-eu revela o potencial emancipatório que está no processo de identificação, pois, ao invés de absoluta subordinação, ele permite uma identificação que abre a possibilidade para outras identificações, portanto, para a criação do novo. Esta é também a razão pela qual o ideal-do-eu é o mantenedor, no léxico lacaniano, de uma instância psíquica responsável pela escolha de valores éticos e morais, enquanto o eu-ideal é responsável pela fixação em uma imagem como o amor ou adoração por um líder. Mesmo se um sujeito tem possibilidades quase infinitas para sua própria identificação, tornadas possíveis pela dialética entre os processos de identificação simbólica e imaginária, alguma coisa ainda irá sobrar que não pode ser completamente apreendida; esta é a verdadeira dimensão da pulsão. Portanto, o desejo ainda continuará a ser conectado pela mesma força pulsional articulada pela fantasia de cada indivíduo. Isso significa que, mesmo após a cura analítica, isto é, a mudança de posição de

104 | *assujeitado (assujetti)* para *sujeito (sujet)*, o sujeito ainda estará definido pela dimensão da pulsão. Para o sujeito, isso quer dizer não mais sofrer como vítima, ou seja, não contribuir inconscientemente para o gozo que o prende ao sintoma; a libido envolvida previamente na captividade do sujeito no imaginário e implicada na manutenção da fantasia agora se faz livre dos sintomas. Essa é a resposta para nossa questão anterior: por que nos prendemos a algo que nos domina e nos fere?

O que está em questão nesta leitura sociológica de Lacan é a consideração da possibilidade de uma formação do sujeito que abandone a expectativa da completa satisfação prometida pela identificação imaginária, promessa que só poderia ser paga com o completo desconhecimento do eu (eu-ideal [*moi-idéal*]). O sujeito que renuncia ao gozo completo da identificação imaginária é aquele que experiencia diversos momentos distintos de identificação; ele pode ainda ser vítima da identificação imaginária, mas isso não quer dizer que toda sua libido seja investida nesta identificação. Suas experiências de gozo nunca serão completas, como aquela satisfação de júbilo do bebê no estádio do espelho; seu gozo será sempre parcial, experienciado em múltiplas situações sublimes.

A relação que o sujeito estabelece com a lei imaginária é

aquela da dominação, sendo a formação psíquica correspondente aquela do eu-ideal. A partir daí, a relação que o sujeito estabelece com a lei simbólica é aquela da subordinação, na qual ele não é vítima, mas começa a ser agente do processo de subordinação, o que corresponde ao ideal-do-eu. O sujeito dispõe então de uma sensibilidade cognitiva que é dada com a subordinação e que define sua nova relação com a lei. | 105

A reintrodução do quadro da teoria crítica feminista em conjunto com o que foi apresentado acima irá demandar a consideração de ambos os lados do processo de identificação. Este processo é sempre transitório, ainda que haja momentos de captura imaginária ou sintomática, assim como momentos de captura simbólica como as metáforas. Haverá também um movimento ao longo da cadeia de desejo ou do processo metonímico, aquele processo dialético da existência humana, ainda que isto não seja evidente para o agente envolvido, seja este um sujeito psíquico ou um agente social. Em meio a este quadro conceitual parece que a psicanálise lacaniana pode fornecer à teoria crítica feminista uma abordagem bastante efetiva e realista dessa atividade ou um diagnóstico muito preciso.

\*\*\*

106 | Para concluir irei explorar mais uma razão para um possível interesse da teoria crítica feminista na psicanálise lacaniana. Qual questão a psicanálise deve responder? Recolocando o problema com o qual comecei, estou perguntando a partir do quadro conceitual lacaniano se há uma maneira de deixar que a dominação do desejo do Outro se vá. Mediante este quadro acredito que as noções de identificação simbólica e imaginária, eu-ideal e ideal-do-eu tornam possível postular uma noção de *utopia limitada*, no sentido em que a utopia é um ideal. Como vimos com Lacan, ideais são necessários para pensar a formação do sujeito, e eles também são necessários se no situarmos no terreno da teoria crítica, uma vez que a orientação para a emancipação deve estar em vista. Esta utopia limitada revela um certo tipo de autonomia. Claro que não estou me referindo aqui à noção kantiana de moralidade na formação do sujeito como uma entidade que transcende cada um e todo agente social historicamente situado, mas sim a uma noção descentralizada de autonomia. Uma discussão em termos tradicionais poderia vincular a ideia clássica de autonomia e autodeterminação individual, mas isso não faria sentido no quadro conceitual lacaniano, como vimos antes.

Nesse quadro, assume-se que a ideia de uma lei à qual

todo sujeito está sempre subordinado. Esta lei da linguagem é | 107  
uma lei simbólica, mas a existência de tal lei não quer dizer que aqueles a ela submetidos estão privados para sempre da autonomia. Ao contrário, autonomia e subordinação são constituídas através da relação que o sujeito estabelece com esta lei. Para Lacan, não se pode renunciar *completamente* à subordinação, mas deve-se estar apto a evitar a dominação pelo outro<sup>10</sup>. Claro, como se pode ver nos sintomas e nas patologias psicológicas em indivíduos, bem como na falta de solidariedade do liberalismo individual, tal dominação pode prevalecer na relação de subordinação. Entretanto, não é esta forma patológica de subordinação<sup>11</sup> que interessa aqui, mas sim outra, uma versão mais emancipada da subordinação presente no conceito lacaniano de identificação simbólica ou eu-ideal.

Se olharmos para as principais preocupações políticas e aporias da teoria crítica feminista e se a questão em

<sup>10</sup> As ideias expressas aqui são a versão em português daquilo que vem do francês: *Assujettissement au désir de l'Autre et être sujet de son proper désir*.

<sup>11</sup> Rousseau em suas *Considerações Sobre o Governo da Polônia* evidencia esta forma de identificação que chamo aqui de patológica, no sentido que ela não é orientada para a emancipação. Ele fomenta a identificação imaginária quando adverte os poloneses de que, a fim de se tornarem cidadãos, eles deveriam se identificar de modo imaginário com os valores de sua terra natal. Não se trata de criar um novo tipo de laço social, um simbólico, mas sim de aproveitar aquele que já existe, que não é mal em si mesmo. O mal na sociedade, ou a patologia, existe quando o valor da individualidade está acima de tudo, quando é colocado como fim. Talvez aqui haja algo a ser aprendido deste velho e louco filósofo genebrino.

108 | consideração é agência, autonomia, orientação para emancipação, utopia, normatividade, intersubjetividade, ou conflito, creio que a perspectiva lacaniana tem muito a contribuir para *cada uma delas*. O processo de formação do sujeito no quadro lacaniano – como visto da perspectiva da identificação e de seus dois momentos do ideal-do-eu e do eu-ideal – sustenta uma ideia de autonomia que não é nem abstrata nem predeterminada e que não pressupõe simetria e liberdade de autodeterminação. Esse processo ajuda a criticar a subordinação de gênero predominante e a dominação baseada e centrada no eu-ideal totalizante. Assim, considero que pensar o processo de formação do sujeito via Lacan tem em vista uma redefinição de utopia, onde a autonomia não se apresenta como pré-condição. *Ainda assim, a autonomia, como suporte do próprio desejo, pode ser alcançada como resultado*. Isto é possível por conta de uma desmistificação inicial ou desidealização da ideia de uma agente autônomo e racional. Em outras palavras, a autonomia não é alcançada apenas através da capacidade de dar razões, mas também envolve a dimensão afetiva de se aceitar o que é determinado pelas próprias pulsões, para assim se transformar os próprios limites imaginários. Isso significa dizer que o próprio processo de subjetivação da dominação, para Lacan, carrega consigo os potenciais de

resistência.

Todavia, é sempre bom ressaltar que a teoria crítica feminista é uma teoria por excelência *crítica*. Pois, tem por preocupação os problemas da dominação, da subjetivação da dominação e a emancipação, eu não vejo como falar nessa teoria sem falar em crítica. Por isso, acho importante apontar possibilidades frente a esse déficit de psicanálise que essa corrente vem apresentando, de modo que eu possa complementá-la, entretanto não acredito que devemos abrir mão da potencialidade do trabalho que vem sendo elaborado até agora pelas teóricas e teóricos críticos feministas.

Antes de concluir, eu gostaria apenas de considerar a relação entre a psicanálise e a teoria crítica numa perspectiva mais ampla, ou seja, que não é apenas relacionada à teoria crítica feminista. Se retornarmos para nosso ponto de partida, ou seja, as duas características que distinguem a teoria crítica – a crítica diagnóstica e a orientação para a emancipação – vemos que o papel da psicanálise é muito mais pronunciado no aspecto de auxílio do diagnóstico.

A psicanálise pode ajudar a teoria crítica a diagnosticar quais são os processos de identificação em curso numa dada sociedade. A identificação simbólica resguarda uma força emancipatória, pois ela nos permite pensar em formas não-

110 | patológicas de subordinação. Considero que o conceito lacaniano de identificação deva ser retomando como elemento chave para uma teoria social. A identificação simbólica pode ser a base de novos laços sociais, laços que não têm um conteúdo pré-determinado. A psicanálise, na verdade, não é capaz de preencher o conteúdo destes laços, de dizer como eles deveriam ser; ela pode, contudo, indicar se e onde ocorrem laços sociais baseados na identificação simbólica. Esta não é uma tarefa que Lacan atribui à psicanálise e tampouco foi enfrentada pela teoria crítica feminista. De todo modo considero que é esta a tarefa ainda a ser cumprida pela teoria social crítica, a qual, se quiser permanecer verdadeiramente crítica, não pode deixar a psicanálise lacaniana de fora do jogo.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALLEN, Amy. *The End of Progress: Decolonizing the Normative Foundations of Critical Theory*. New York: Columbia University Press, 2016.

BENHABIB, Seyla. "Sexual Difference and Collective Identities: The New Global Constellation." *Signs* 24, no. 2 (1999): 335-61. doi:10.1086/495343.

BIRMAN, Jöel. *Foucault et la Psychanalyse*. Lyon: Parangon/VS, 2007.

BUTLER, Judith, Monique David-Ménard, Beatriz Santos, Sarah-Anaïs Crevier-Goulet, Nayla Debs, e Elsa Polverel. “Judith Butler et Monique David-Ménard: D’Une Autre à l’Autre.” *L’Évolution Psychiatrique* 80, no. 2 (April 2015): 317–30. doi:10.1016/j.evopsy.2015.02.002.

DELPHY, Christine. “The Invention of French Feminism: An Essential Move.” *Yale French Studies*, no. 97 (2000): 166-97. doi: 10.2307/2903219.

FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do Eu.” In *Obras Completas* [1920-1923]. Vol. 15. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

LACAN, Jacques, “L’Instance de la Lettre dans l’Inconscient ou la Raison depuis Freud.” In *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.

MOSES, Claire. “La Construction Du ‘French Feminism’ Dans Le Discours Universitaire Américain.” *Nouvelles Questions Féministes* 17, no. 1 (1996): 3-14.

SCOTT, Joan Wallach. “Some More Reflections on Gender and Politics.” In *Gender and the Politics of History*. Ed. rev. New York: Columbia University Press, 1999.

SCHNEIDER, Monique. *La Détresse aux Sources de l’Éthique*. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

SIMONELLI, Thierry. “La Critique du Moi et Les Sens de la Cure.” In *La Théorie de Lacan*. Paris: Éditions du Cerf, 2000.